

APELO A UM EXTERIOR: AS ALUSÕES COMO ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

THE APPEAL TO AN EXTERIOR: ALLUSIONS AS ARGUMENTATIVE STRATEGIES

Mariza Angélica Paiva Brito*, Maria Dayanne Sampaio Falcão**,
José Elderson de Souza Santos***

RESUMO

Neste trabalho, encaramos a alusão como uma heterogeneidade mostrada que, embora não seja assinalada por marcas tipográficas, apresenta outros tipos de marcação que podem apontar ou para trechos de um texto-fonte específico, ou para aspectos de uma obra que são de domínio público, ou ainda para uma temática amplamente noticiada na mídia, conforme Cavalcante e Brito (2011) e Faria (2014). Nossa hipótese básica é que as alusões são estratégias persuasivas. Refletimos aqui sobre as marcas de persuasão que as alusões podem desempenhar no texto, partindo da hipótese de que são estratégias argumentativas, portanto usadas de modo proposital, com objetivos bem definidos. Promovendo uma modificação complexa da significação, as alusões apontam diretamente para o surgimento de uma exterioridade no fio do texto e, por isso, assinalam um risco assumido que funciona como uma falta, criando no dizer o apelo a um exterior. Analisamos, em postagens de gêneros diversos veiculados na rede social Facebook e Instagram, as alusões como uma estratégia persuasiva. Para este estudo, as teorias convocadas foram as Heterogeneidades Enunciativas, de Authier-Revuz (1990, 2004, 2007); a Nova Retórica, de Perelman-Tyteca (2005) e a Teoria da Argumentação no Discurso de Amossy (2017). Authier-Revuz considera como intertextualidade alusiva apenas as ocorrências em que há claras indicações de um texto em outro texto, posição que não aceitamos inteiramente.

Palavras-chave: Heterogeneidade Enunciativa. Alusão. Estratégias Argumentativas.

ABSTRACT

In this paper, we face allusion as a shown heterogeneity that, although not signaled by typographic marks, presents other types of marks that can point out or to statements of a specific source text,

* Professora do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades e do Curso de Letras-Português da UNILAB; Pesquisadora da FUNCAP.

** Curso de Letras-Português. Bolsista de IC da FUNCAP/UNILAB.

*** Curso de Letras- Português. Bolsista de IC da FUNCAP/UNILAB.

or to aspects of a work that belongs to the public domain, or yet to a widely reported theme in the media, in accordance with Cavalcante and Brito (2011) and Faria (2014). Our basic hypothesis is that the allusions are persuasive strategies. Here we ponder about the marks of persuasion the allusions can perform in a text, assuming the hypothesis that they are argumentative strategies, therefore intentionally used, with well defined objectives. Promoting a complex modification of significance, the allusions point out directly to the emergence of an exteriority of the text and, for this reason, they mark an undertaken risk that works as an absence, creating in the phrase the appeal for an exterior. We analyzed, in posts from diverse genres disseminated in the social network Facebook and Instagram, the allusions as a persuasive strategy. For this study, the theories summoned were the Enunciative Heterogeneities, by Authier-Revuz (1990, 2004, 2007); the New Rhetoric, by Perelman-Tyteca (2005) and the Argumentation Theory in the Discourse by Amossy (2017). Authier-Revuz considers as allusive intertextuality only the occurrences in which there are clear indications of a text in another text, positioning that we do not entirely accept.

Key-words: Enuciative Heterogeneities. Allusion. Argumentative Strategies.

INTRODUÇÃO

Intertextualidade foi um termo cunhado por Julia Kristeva (1974) em sua obra *Introdução à Semanálise* – é caracterizado pela copresença de dois ou vários textos, ou seja, pela presença de um texto em outro, constituindo um “mosaico de citações” numa incessante rearticulação textual. Essa sempre foi uma questão relevante para os estudos linguísticos e, de forma especial, para a literatura, lugar teórico de onde provêm os estudos de Bakhtin (2000) sobre o dialogismo e sobre uma noção ampla de intertextualidade. O autor destaca o caráter constitutivamente dialógico da linguagem e sua natureza polifônica, exemplificando essa perspectiva a partir dos romances de Dostoiévski. Bakhtin postulava que todo texto derivava de outros anteriormente produzidos. O presente artigo lida com uma visão de intertextualidade mais comprovável. Por esta e por razões de ordem metodológica, utilizamos, nesta pesquisa, os pressupostos de Genette e seguidores sobre a intertextualidade por alusão, um dos fenômenos de copresença.

Genette (1982) propõe uma análise de como a intertextualidade ocorre dentro de um campo específico – estabelecendo as possíveis relações entre textos: “tudo que coloca em relação, manifesta ou secreta um texto com outros textos” (GENETTE, 1982, p. 10). Em sua obra *Palimpsestes*,¹ o autor tratou, de modo geral, os diálogos entre textos como *relações de transtextualidade*, ou seja, a transcendência textual, tudo o que põe em relação, ainda que “secreta”, um texto com outros e que inclui qualquer relação que vá além da unidade textual de análise. O autor subclassificou as transtextualidades em cinco tipos, dentre eles aquilo que chamou de *intertextualidade* “num sentido reduzido”.

Cavalcante, Brito e Zavam (2017) defendem uma noção de intertextualidade mais criteriosamente evidenciada por marcas intertextuais, que pode se dar em duas situações possíveis, não excludentes. A primeira é quando há um diálogo entre textos específicos, ou porque existem partes de um texto presentes em outro, ou porque um texto sofreu modificações e se transformou em

¹ Segundo Houaiss (2009), palimpsesto é um “pergaminho cujo texto primitivo foi raspado, para dar lugar a outro”.

outro. A segunda é quando há imitação entre gêneros do discurso, ou entre estilos de autores. Consideramos em nosso trabalho essas duas situações possíveis de intertextualidade e uma terceira, entre textos diferentes dentro de uma mesma temática.

Defendemos que a alusão é o fenômeno central mais importante dos processos intertextuais, uma vez que eles exigem mais elaboração, mais criatividade e mais erudição por parte do locutor, como mostraremos mais adiante. Partindo desse ponto, temos como objetivo discutir duas problemáticas principais: a alusão como um processo de heterogeneidade enunciativa constitutiva (AUTHIER-REVUZ); a alusão como uma estratégia argumentativa. Utilizaremos como exemplário textos de gêneros variados verbo-imagéticos.

1 A ALUSÃO – PALAVRAS TOMADAS DE EMPRÉSTIMO

Opera-se uma alusão quando se faz uma espécie de referência por pistas; não se diz claramente a que se está referindo, mas se fazem insinuações contextuais. Os dois processos, de alusão e de referência caminham juntos, em geral, pois, quando se faz referência direta a traços típicos de um texto, também se está aludindo ao texto como um todo, obviamente. As citações, as referências e as alusões se recontextualizam, para atender a propósitos diversos, por vezes satíricos, por vezes cômicos, por vezes nem uma coisa nem outra.

Para Faria (2014), as intertextualidades por copresença podem gerar um outro texto, transformado. Por isso, para a autora, as copresenças podem constituir estratégias para a construção da derivação intertextual, o caso em que um texto deriva outro porque nele se operaram transformações. Trata-se dos casos de transformações por paródias e por transposições sérias (que são as retextualizações, as adaptações, as traduções, dentre outros). As paródias e as adaptações acontecem, de fato, principalmente a partir de citações ressignificadas, de paráfrases, de referências e alusões também recontextualizadas. Havendo paródia ou transposição, elas vão conter pelo menos uma dessas copresenças: citações, paráfrases, referências e alusões.

Nas paródias, um texto incorpora o outro para provocar o riso, ou para ser simplesmente lúdico e/ou para criticar algo, ou mesmo para levar ao ridículo, como neste exemplo retirado de Forte (2013, p. 59),

(1)



Disponível em: <<http://santuariodosanimes.blogspot.com.br/2010/11/o-grito-do-homer.html>>

Em (1), temos uma transformação do texto-fonte, no caso, um texto verbo-imagético em que a manutenção do estilo é mantida X redundante . A paródia é elaborada pela transformação do famosíssimo quadro de Edvard Munch – “O Grito”. No lugar da figura fantasmática do autor, aparece o personagem Homer, dos Simpsons – um desenho animado americano, dirigido por Matt Groening, uma série de muito sucesso na TV americana.

Segundo Authier-Revuz (2007), a alusão é uma retomada não explícita de segmentos em sua linearidade, faz parte da *modalidade autonímica*, é um *desdobramento* – metaenunciativo – de um dizer que, em um determinado ponto, faz, ao mesmo tempo, uso das palavras para falar de “coisas”, e é, por isso, um retorno, em menção, a essas palavras tomadas como objeto. A alusão opera o conjunto das formas de modalização autonímica “de empréstimo”, assinalando localmente um “eu falo *aqui com palavras exteriores*”, é a marca separadora entre o exterior e o próprio das palavras que o enunciador escolheu em um processo de estabelecimento de fronteiras (AUTHIER-REVUZ, 2007, p. 8).

A autora exemplifica o seu ponto de vista com os seguintes exemplos:

- (2) É de desesperar: tu resolves um problema, tu retornas, e são sete cabeças que de novo crescem...
- (3) Eu sou corajoso, porém realista: vim, vi, ...fui vencido

Para Authier-Revuz, desses dois enunciados orais, apenas o segundo, que vem despertar a ideia do texto fonte, é uma alusão: “somente o segundo, despertando a ideia de Cesar, das *palavras* de César, situa-se em nosso campo de pesquisas, enquanto o primeiro, evocando a lenda da Hidra de Lerne, não pode nele se inscrever” (2007, p. 4).

Tomada nesse sentido estrito, a *alusão* conserva alguma coisa do seu sentido original, “jogo de palavras” (ainda ligado a sua origem, “*ludus*”): nas palavras que enuncia, o enunciador joga com a possibilidade de fazer ressoarem não outras palavras da língua, como no trocadilho ou no equívoco, mas palavras de outros dizeres, suscitando, através da sua voz, a música de uma outra voz. Authier-Revuz trata da alusão, como vemos, a partir de uma perspectiva de marcação polifônica.

1.1 ALUSÃO - MODALIZAÇÃO AUTONÍMICA DE EMPRÉSTIMO

A modalização autonímica é um fenômeno que consiste numa “configuração enunciativa da reflexividade metaenunciativa – a ‘modalização autonímica’ – da enunciação atravessada por sua autorrepresentação opacificante” (AUTHIER-REVUZ, 2007, p. 14), isto é, o signo, naturalmente, exerce uma função mediadora entre o homem e um conceito/coisa no mundo. Exercendo essa função, o signo, enquanto tal, se apaga, ou, em outras palavras, se torna transparente – no lugar de aparecer, deixa passar por si o conceito/coisa no mundo convocado por seu intermédio – não é, pois, objeto-de-presença na mente do sujeito-falante, não se corporifica enquanto materialidade (sonora ou gráfica), a não ser se tomado como objeto de estudo científico. No entanto, em momentos pontuais de uma enunciação, é possível observar que em

seu desenrolar, o dizer representa-se como não falando por si; o signo, em vez de preencher-lo [*ao dizer, ou dito de outro modo, em vez de preencher a enunciação*], transparente, no apagamento de si, de sua função mediadora, interpõe-se como real, presença, corpo – objeto encontrado no trajeto do dizer e que se impõe a ele como objeto –; a enunciação desse signo, em vez de se realizar “simplesmente”, no esquecimento que acompanha as evidências inquestionáveis, desdobra-se como um comentário de si mesma (AUTHIER-REVUZ, 2007, p. 14, grifo nosso).

O signo, surgindo como corpo na enunciação, exige que seja esclarecido, explicado, questionado, interpelado. Abandonando a transparência, mostra-se opaco e, portanto, carente de exposição de si mesmo.

A modalização autonímica é, portanto, o momento em que a linguagem falha em sua função de mediadora e deixa de realizar-se “simplesmente”, exigindo uma enunciação “complexa” na qual o signo é “desdobrado” sobre uma reflexão metalinguística: que signo foi usado? Em que sentido foi usado? Por que foi usado? Seu uso é suficiente? A palavra se aplica no contexto? Esse signo descreve a “coisa”? Você diria “isso” para se referir a essa “coisa”? Essas são algumas das reflexões realizadas pelos sujeitos-falantes (CAVALCANTE; BRITO, 2011).

Para Authier-Revuz, diferentemente daquilo que as teorias tradicionais tomam por alteridade, colocando-a como mecanismo da abordagem do outro na enunciação, seus princípios alteritários agregam tudo aquilo que torna a linguagem o ambiente do *não-um*, isto é, da ausência total de unicidade linguística, embora o enunciador conserve a ilusão de proteger-se contra o heterogêneo constitutivo da enunciação. Segundo a autora, “a modalização autonímica é vista como um ‘surgimento’ enunciativo do outro da linguagem – ao que eu dei o nome de não coincidência do dizer – onde entra em cena o jogo enunciativo **entre outros** e não exclusivamente ‘a linguagem dos outros’” (2007, p. 3). E complementa que

as imagens de pontos de não coincidência que suspendem o trajeto unificado do dizer dão lugar ao fato das não coincidência, as quais, desta forma, ganham corpo e são reconhecidas; ao mesmo tempo, entretanto, elas interpõem uma máscara, ilusão necessária, pelo caráter circunscrito (“o restante” sendo diferencialmente constituído como um) e controlado (por um enunciador, a partir de sua posição de sobrevoio metaenunciativo, ao dizer o que é o seu dizer) desses pontos de não coincidência representados; ou realizam uma reafirmação protetora do UM do dizer, de um modo imaginário absolutamente necessário, oposto à ameaça de dispersão, que faz pesar sobre a enunciação e o sentido o jogo das não coincidência inerentes nas quais eles se constituem, [...] e poderiam desfazer-se (AUTHIER-REVUZ, 2007, p. 4).

O jogo das não coincidência do dizer põe em risco a alusão na relação mesma que todo dizer apresenta com a sua exterioridade discursiva: risco escolhido pelo uso pontual da alusão, risco de estar submisso à exterioridade – à “alusividade” – própria do dizer e do sentido.

2 ALUSÃO – O LIMITE DA NÃO MARCAÇÃO

A alusão propriamente dita, para Authier (2007), corresponde à superação de um limite, através do seu grau zero de marcação na língua. No entanto, acreditamos que esse grau zero de marcação é apenas aparente, pois defendemos que sempre há uma marcação, conforme Brito (2010), originando-se inteiramente da interpretação.

Vejamos os exemplos:

(4)



(5) As malas do Geddel



(6) A nécessaire!!



(7) PF apreende também mala com dinheiro na casa de um professor!!!



Todos esses exemplos, (4), (5), (6) e (7), aludem a notícias que foram amplamente divulgadas na mídia quando a Polícia Federal encontrou, no apartamento de Geddel Vieira Lima, ex-ministro do Governo de Michel Temer e seu amigo pessoal, malas e malas de dinheiro, como mostra a figura (5) *As malas do Geddel!*

O exemplo (6) recategoriza como *nécessaire* a mala de dinheiro encontrada em posse de Rocha Loures, outro amigo pessoal do atual presidente do Brasil. O ex-deputado, Rodrigo Rocha Loures, foi flagrado, ao deixar um restaurante em São Paulo, levando uma mala de R\$ 500 mil, que lhe foi entregue pelo então executivo da JBS Ricardo Saud. O Ministério Público Federal, no Distrito Federal, ratificou a denúncia apresentada pelo então procurador-geral da República, Rodrigo Janot, atribuindo a Michel Temer e a Rodrigo Rocha Loures o crime de corrupção passiva no caso da entrega (flagrada em filmagem) da mala de R\$ 500 mil do Grupo J&F ao ex-assessor do presidente.

O exemplo (7) é uma paródia construída a partir da referência e da alusão a inúmeras notícias e fotos que foram divulgadas pela mídia. Mostra a mala encontrada na casa de um professor com uma cédula de dois reais. A paródia cumpre uma função satírica bem evidente, mostrando a desvalorização do professor em nosso país, enquanto os políticos chafurdam em um mar de corrupção e roubam milhões do povo.

Para Authier-Revuz (2007), a alusão só pode ser concretizada se ela for reconhecida pelo outro e só pode ganhar corpo *se* reconhecida. É uma aposta no outro-receptor para reconhecimento do terceiro-outro – “o já-dito presente em suas palavras” (p. 4). Para nós, a alusão acontece mesmo que nem todos a reconheçam, isso porque o sentido de um texto vai depender de vários fatores, dentre eles, o conhecimento de mundo e a erudição de cada um.

Segundo Authier-Revuz, a alusão funcionaria, então, como uma falta, criando no dizer o apelo a um exterior, por meio do questionamento que ali inscreve a diferença – o heterogêneo –, mas o apelo fica em suspensão dentro de um espaço interdiscursivo que permanece mudo. Desta forma, sem que produza qualquer resposta de similitude, a alusão não pode “ganhar corpo, deixando o receptor no desconforto de um dizer atravessado pelas sombras de um outro discurso cuja presença, não dita, ele percebe, mas lhe escapa, tornando-o incapaz de dar-lhe consistência – voz e forma” (p. 12).

3 ALUSÃO COMO CUMPLICIDADE

Para Authier-Revuz, o prazer da convivência alusiva é um mecanismo que está no cerne da alusão: “pondo à prova uma cultura partilhada, a alusão bem sucedida afirma e festeja “uma comunhão” (AUTHIER-REVUZ, 2007, p. 17). Reflitamos sobre como isso se dá no exemplo abaixo:

(8)



O exemplo (8) é um *post* que alude ao quadro *Te Quero de Volta*, dentro do programa *O melhor do Brasil*, com o Rodrigo Faro como apresentador. Este quadro pretende **juntar novamente casais** que por algum motivo se separaram, e um dos dois se arrependeu dessa decisão. Também alude a outro programa, o *Talk show Agora é tarde*, com Rafinha Bastos, traz entrevistas humoradas e leves na Band. Mas alude também, amplamente, a uma situação de tentativa fracassada de conquistar alguém.

A alusão, consoante Authier-Revuz (2007, p. 8), é um jogo:

Contando com o receptor, com a memória discursiva que lhe vai permitir o reconhecimento das palavras dos outros, dadas a entender em suas próprias palavras, o locutor, através do seu jogo de alusões, desenha a imagem do destinatário do seu dizer – daquele a quem ele se dirige.

A alusão é absolutamente hedonista, está a serviço de um sujeito que goza com sua produção. Vejamos mais um exemplo de alusão como hedonismo, cumprindo uma função de erudição:
(9)



No exemplo, veiculado em uma página do Facebook, temos uma alusão à frase feita “pau que nasce torto, morre torto”. Faz alusão também à música da banda baiana, *É o tchan...* “Segure o tchan – Pau que nasce torto nunca se endireita menina que requebra a mãe pega na cabeça...” Ou seja, o texto estabelece uma relação entre o preservativo masculino e a música baiana, o pau que nasce torto nunca se endireita... No entanto, com o preservativo Prudence, o “pau” se endireita. O pênis, órgão sexual masculino, é chamado popularmente de “pau”.

Vemos no exemplo (9) mais uma constatação de que a alusão é uma forma de exercício de erudição, é um jogo puramente hedonista que recorre a diversos tipos de conhecimento.

4 A ALUSÃO É UM MAL-ESTAR

Quando uma alusão é escolhida, ela assinala a distância existente entre os sujeitos. Isso é tomado como um fracasso da intercompreensão, que abre, de um lado e do outro, toda uma gama de sentimentos disfóricos, como, por exemplo, o “mal-estar” e a exclusão. É por isso que a alusão é uma forma tanto de exclusão quanto de conveniência.

Propomos três formas possíveis de estratégias alusivas neste jogo de exclusão-conivência:

a) alusões relacionadas a conhecimentos mais gerais de “já-ditos” partilhados.

Estes conhecimentos são aqueles partilhados por todos. Geralmente dizem respeito a notícias e eventos que são veiculados mundialmente e não só por uma comunidade estrita. Podemos visualizar esta estratégia no exemplo (10) em que aparece a figura do presidente norte-coreano, Kim Jong-Un. As ideias desse presidente sobre ataque nuclear foram motivo de críticas e debates em todos os jornais nacionais e internacionais. Desta forma, o locutor da postagem apelou para uma alusão provavelmente como uma confirmação de adesão, como se presumisse que atingiria um maior auditório, de quem esperaria conivência. Vale ressaltar que, por ser uma alusão, exige uma erudição maior do seu leitor quanto às informações implícitas.

b) alusões relacionadas a conhecimentos partilhados por pessoas de uma mesma nacionalidade.

É fácil perceber estas estratégias nos exemplos (4), (5), (6) e (7). Neles, percebemos que o locutor se vale dos conhecimentos que são partilhados culturalmente, o cenário político do nosso país, para criticar e satirizar, por meio das alusões criadas. Por isso, estamos chamando estes casos de estratégias alusivas como relacionadas a conhecimentos partilhados por pessoas de uma mesma nacionalidade.

c) alusões relacionadas a informações mais intimamente partilhadas.

Podemos perceber esta última estratégia em situações em que somente um pequeno grupo usufrui das informações partilhadas; os demais se veem excluídos. Por exemplo, em grupos de amigos, em grupos de trabalho, entre namorados, entre amigos mais íntimos etc.

O jogo da exclusão-conivência é muito flagrante nestas estratégias, pois somente alguns poucos escolhidos poderão captar as alusões produzidas. Pensamos que as alusões produzidas não são apenas um risco de perda de sentido, mas são escolhas feitas pelo locutor em um jogo de exclusão-conivência.

Observamos a presença de estratégias complexas que tentam dirigir-se a um público duplo, preservando o prazer da conivência com um público restrito e afastando, ao mesmo tempo, o risco de fracasso.

4.1 ALUSÃO É PODER

Pelo jogo de sugestão, de implicitude, que a alusão mobiliza, podemos dizer que ela provoca irritação ou humilhação no interlocutor, quando ele se dá conta de que não consegue compreender as relações intertextuais estabelecidas. Daí a sensação de que se encontra excluído do grupo a qual esse dizer é endereçado. A alusão é quase um bullying...

(10)



A postagem (10) alude à notícia sobre o teste nuclear norte-coreano, como se pode ver no exemplo (11):

04/09/2017 - 12H32 - ATUALIZADA ÀS 12H32 - POR AGÊNCIA ANSA
LÍDER NORTE-COREANO KIM JONG-UN DÁ AUTORIZAÇÃO PARA TESTE COM BOMBA DE HIDROGÊNIO (FOTO: EFE/EPA/KCNA)
A **Organização das Nações Unidas (ONU)** anunciou que o teste nuclear realizado no fim de semana pela **Coreia do Norte** foi o mais potente já registrado na história.

(11) Teste nuclear norte-coreano foi o maior já registrado, diz ONU

Conselho de Segurança está reunido em Nova York. <http://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2017/09/teste-nuclear-norte-coreano-foi-o-maior-ja-registrado-diz-onu.html>



O exemplo (10) é uma postagem que foi veiculada nas redes sociais em que o produtor imita uma postagem bastante comum de *Bom dia*. Essas mensagens são geralmente muito meigas e singelas. Assim, imitando o estilo desse tipo de gênero discursivo, esta postagem utilizou a notícia do teste nuclear norte-coreano, colocando uma foto sorridente do Kim Jong-Um, presidente norte-coreano, vaticinando o dia: “Lembre-se de viver cada dia como se fosse o último”. O produtor aludiu à notícia do teste nuclear que vem sendo realizado na Coreia do Norte, e é essa alusão, indicada apenas pela foto do presidente da Coreia do Norte, que provoca efeitos de humor e de sarcasmo, numa espécie de humor negro, que se expressa a propósito de uma situação socialmente grave.

A alusão pode transformar-se em uma “adivinhação divertida”. Situar-se no “limite” da visibilidade é uma das tentações da prática alusiva. Ela pode se transformar em um código secreto de uma mensagem reservada aos raros iniciados que serão capazes de percebê-la.

4.2 A ALUSÃO É UM RISCO

É desta forma que a alusão torna-se, para o locutor, um “teste” que ele coloca no caminho do interlocutor, talvez até mesmo uma armadilha da qual ele se apropria na condição de “mestre” (AUTHIER-REVUZ, 2007), daí um certo traço de arrogância de alguns locutores que se valem do uso da alusão. É por saber que a alusão é um risco que certos locutores se colocam numa situação de dissimetria, por se verem numa posição superior, em relação ao interlocutor.

O risco é de o interlocutor não alcançar os sentidos: a alusão é fundamentalmente da ordem do sentido e uma alusão falha não corresponde à perda de algo acessório, mas à perda de um sentido “a mais”, algumas vezes crucial (AUTHIER-REVUZ, 2007, p. 16). Uma alusão “fracasada” é como um “barco carregado de sentidos” que se encontra à deriva, sem alcançar o seu porto de destino.

Para Gignoux (2005), o risco concerne ao fato de a alusão não ser alcançada enquanto repetição. A autora atribui à alusão dois valores distintos, mas não excludentes:

valor de significação – parcial
valor de repetição – total

(12)



(13) **DEU ONDA Sapatilha 37 – MC G15**

Eu preciso te ter
Meu fechamento é você, moção
Eu não preciso mais beber
E nem fumar maconha
Que a sua presença, me deu onda
O seu sorriso, me dá onda
Você sentando, moção, me deu onda
Que vontade de ter, garota
Eu gosto de você, fazer o quê?
O pai te ama
Que vontade de ter, garota
Eu gosto de você, fazer o quê?
O pau te ama, é
O pau te ama
O pau te ama, é
O pau te ama

A postagem (12) alude ao *funk* carioca *Deu Onda*, cantado por MC G15, em dois momentos: em “meu fechamento” e em “[...] sua presença vai me dar onda”. O texto é um anúncio da venda de caixão e desafia o interlocutor a desvendar um código para ter o alcance de todo o sentido engendrado na emissão do texto.

No exemplo (12), do caixão, o interlocutor certamente captou o referente mais explícito da mensagem: um anúncio da venda de jazigo de um cemitério. Por isso se diz que ele alcançou apenas um sentido parcial. Mas nem todos recuperaram os referentes da canção e, assim, não alcançaram o valor de repetição da alusão, ou seja, as partes que aludem ao texto-fonte.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS – A ALUSÃO COMO ESTRATÉGIA PERSUASIVA

Conforme Cavalcante (2016):

as estratégias persuasivas seriam, por exemplo, o recurso às intertextualidades, a escolha de dado gênero, a escolha de dada sequência textual, a escolha de certos processos referenciais e a forma como são expressos, incluindo nisso o uso de antropônimos e o jogo de aspectos fonológicos e morfossintáticos, o recurso a marcas de heterogeneidade enunciativa [...]

Como demonstramos nos exemplos, as alusões marcam a negociação do sujeito com o outro dizer, circunscrevendo a exterioridade discursiva. Para nós, as alusões evidenciam o uso persuasivo das heterogeneidades discursivas.

Perelman e Tyteca (2005) afirmam que é sempre em função do auditório que se quer persuadir. Diremos, com eles, que é sempre em função do interlocutor que se constrói uma alusão, mesmo que nem sempre os sentidos sejam alcançados.

Demonstramos, outrossim, que a alusão é erudição, é a exibição de um saber. Nem sempre a alusão é feita para ser reconhecida: algumas vezes pode envolver um jogo de poder, de mostraçãõ erudita, de uma cultura variada.

Além das duas funções mais reconhecidas pela literatura sobre intertextualidade: função lúdica e função satírica, salientamos esta terceira – a de erudição. Que este trabalho instigue a investigação de outros modos de a alusão compor estratégias de persuasão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade (s) enunciativa (s). *Cadernos de estudos linguísticos*, v. 19, 1990.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Edipucrs, 2004.
- AUTHIER-REVUZ, J. Nos riscos da alusão. *Revista Investigações*, v. 20, n. 2, 2007.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRITO, M. A. P. *Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica: heterogeneidades enunciativas e construção da referência*. 2010. 213 f. Tese. (Doutorado em linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- CAVALCANTE, M. M. Linguística Textual e argumentação. JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 26, 2016. *Anais...* Recife: GELNE, 2016.
- CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. Intertextualidades, heterogeneidades e referenciação. *Revista Linha D'água*, São Paulo, v. 24, n. 2, 2011.
- CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; Zavam, A. Intertextualidade e ensino. In: PAULIUKONIS, A. L.; MARQUESI, Elias, V. M. (Org.). *Linguística Textual e Ensino*. São Paulo: Contexto, 2017.
- FARIA, Maria da Graça dos Santos. *Alusão e citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo-visuais*. 2014. 118 f. Tese (Doutorado em linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

FORTE, J. S. M. *Funções textual-discursivas de processos intertextuais*. 2013. 127f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

GENETTE, G.: A literatura de segunda mão. Extratos traduzidos por Cibele Braga; Erika Palimpsestos Viviane Costa Vieira; Luciene Guimarães; Maria Antônia Ramos Coutinho; Mariana Mendes Arruda; Mirian Vieira. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

GIGNOUX, A. C. *Initiation à l'intertextualité*. Paris: Ellipses, 2005.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2009.

KRISTEVA, J. *Introdução à semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.